

A soldier in a helmet and tactical gear is positioned on top of a military vehicle, operating a machine gun. The soldier is looking towards the camera. The vehicle is olive green and has various equipment on top, including a large machine gun and several magazines. The background is a clear sky.

BRIGADA DE INTERVENÇÃO

10 anos de afirmação

ESTADO-MAIOR DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

COIMBRA UNIVERSITY PRESS

BRIGADA DE INTERVENÇÃO

10 anos de afirmação

ESTADO-MAIOR DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Brigada de Intervenção – 10 anos de afirmação

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

COORDENAÇÃO

Coronel Tirocinado Infantaria José António Coelho Rebelo

DESIGN

Imprensa da Universidade de Coimbra

CRÉDITOS DAS IMAGENS

P. 14, 18, 19, 21, 24, 30, 33, 38, 41, 44, 47, 48, 51, 53, 55

As imagens referidas encontram-se identificadas como domínio público.

As restantes imagens/fotografias que integram a obra são propriedade da Brigada de Intervenção.

IMPRESSÃO

Norprint - a casa do livro

ISBN

978-989-26-1208-9

ISBN DIGITAL

978-989-26-1209-6

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1209-6>

TIRAGEM

1000 exemplares

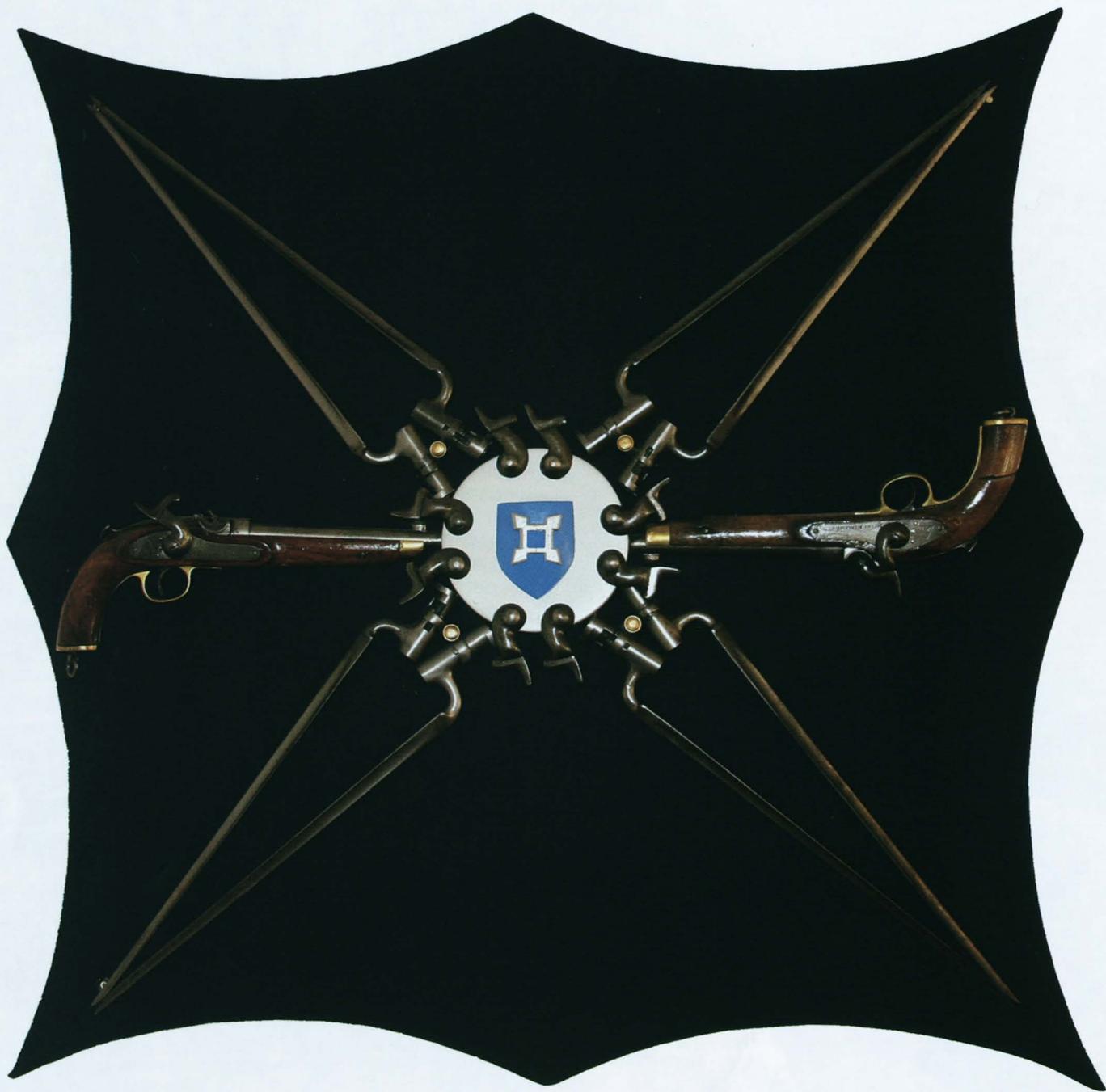
Depósito Legal

410462/15

© Junho 2016, Imprensa da Universidade de Coimbra.







Sumário

NOTA INTRODUTÓRIA.....	9
<i>Major-General Aguiar Santos</i>	
NOTA INTRODUTÓRIA.....	11
<i>Presidente da Associação Nacional de Municípios Portugueses</i>	
1. A CIDADE DE COIMBRA E A HISTÓRIA MILITAR.....	13
a. A paixão da história militar e a presença de Coimbra na vida militar portuguesa	15
b. Coimbra na crise de 1245-1248: o coração da resistência realista	25
c. Coimbra na guerra da Restauração (1640-1668)	31
d. A extraordinária saga do Batalhão Académico de Coimbra nas Invasões Francesas (1808-1811).....	37
e. Coimbra na Grande Guerra (1914-1918): uma intervenção que só Lisboa desejou	45
2. PATRIMÓNIO HISTÓRICO	59
a. Patrono.....	61
b. Passado recente.....	70
c. Brasão de Armas da Brigada de Intervenção	72

3. DIMENSÃO OPERACIONAL.....	75
a. Organização.....	77
(1) Organização da estrutura base.....	77
(2) Organização da estrutura operacional.....	77
(a) Os Batalhões de Infantaria Mecanizados de Rodas	79
(b) Do Grupo de Autometralhadoras ao Grupo de Reconhecimento.....	83
(c) O Apoio de Fogos de Artilharia.....	84
(d) A Artilharia Antiaérea.....	86
(e) A Engenharia.....	88
(f) As Transmissões	90
(g) O Apoio de Serviços	92
b. Doutrina e Formação	94
(1) Enquadramento.....	94
(2) Formação ministrada na Brigada de Intervenção.....	95
c. Treino Operacional.....	100
(1) Treino Operacional das Unidades da Brigada de Intervenção	100
(a) Enquadramento	100
(b) O ciclo de treino operacional e o conceito da Força Tarefa 1200	102
(c) Os Exercícios da Componente Operacional da Brigada de Intervenção.....	105
(2) Competições Desportivas Militares	118
d. Pessoal.....	126
e. Material e Equipamento	128
f. Infraestruturas	147
g. Emprego de Forças	149
(1) Organização para operações.....	149
(2) Dimensão Internacional da Brigada de Intervenção	151

(3) Participação da Brigada de Intervenção nas NATO <i>Response Force</i>	169
(4) Participação da Brigada de Intervenção no <i>European Union BattleGroup</i>	170
(5) Missões de Apoio ao Desenvolvimento e Bem-Estar	173
4. DIMENSÃO HUMANA	179
a. A Brigada de Intervenção e a Cidadania	181
b. A Brigada de Intervenção e a sua proximidade à população.....	185
c. Implantação Territorial.....	193
d. Regimento de Infantaria 13.....	195
e. Regimento de Infantaria 14	201
f. Regimento de Infantaria 19.....	207
g. Regimento de Cavalaria 6.....	213
h. Regimento de Artilharia 5.....	219
i. Regimento de Artilharia Antiaérea 1.....	225
j. Regimento de Engenharia 3	231
k. Regimento de Transmissões	237
5. GALERIA DE GENERAIS COMANDANTES.....	243
6. LISTA DE ABREVIATURAS.....	257
7. BIBLIOGRAFIA.....	261
AGRADECIMENTOS	267



ACADEMICO DE COIMBRA
COM O UNIFORME DE OFICIAL DO CORPO DE GUIAS

a. A paixão da história militar e a presença de Coimbra na vida militar portuguesa

A história militar que hoje se pratica em todos os países ocidentais com uma historiografia desenvolvida já não é, de modo algum, a história-batalha que muitos militares e não poucos civis (dando o melhor do seu esforço, mas, por vezes, com escassa formação científica) cultivavam e que a escola dos *Annales* condenou. Trata-se, sobretudo depois da grande renovação incentivada pelos estudos de Philippe Contamine¹, John Keegan², Christopher Allmand³ ou Victor Davis Hanson⁴, entre muitos outros, de uma história muitíssimo mais abrangente e que toca com intensidade diversas valências da vida em sociedade: a história política (já Carl von Clausewitz, em *Vom Kriege*, escrito entre 1819 e 1831, definira a arte da guerra como a continuação da política por outros

meios⁵); a história económica e social (recrutamento, fiscalidade, efeitos desestruturantes dos conflitos armados, a guerra como fator de redistribuição da riqueza e de promoção social, o lugar dos não combatentes, os prisioneiros de guerra, a situação da mulher); a história das técnicas (armamento defensivo e ofensivo, arquitetura militar, construção de navios); e a história cultural e das mentalidades (tratadística militar, crenças e devoções religiosas, o lugar da coragem e do medo, as atitudes perante a morte).

Neste ponto, julgo ser oportuno lembrar o programa do último grande congresso internacional de especialistas de história militar da Antiguidade Tardia e da Idade Média, que se realizou em junho de 2014, tendo como entidade de acolhimento a Norwegian University of Technology and Science (em Trondheim, Noruega). O tema geral do evento era “Common Men and Women at War, 300-1500 AD” e os motes dos vários painéis consideraram, para além de alguns (poucos) assuntos tradicionais da história militar, diversas matérias relevantes de história social e cultural (atitudes multicivilizacionais em relação aos civis, mulheres como atores e vítimas da guerra, prisioneiros de guerra), de história das técnicas (p. ex., engenharia militar), de história religiosa (guerras de conversão) e até de história

1 Philippe Contamine, *La Guerre au Moyen Âge*, Paris, P.U.F, 1986.

2 John Keegan, *The Face of Battle*, Londres, 1976; e *A History of Warfare*, Londres, 1993.

3 Christopher Allmand, *Society at War. The Experience of England and France during the Hundred Years War*, Boydell Press, 1998.

4 Victor Davis Hanson, *The Western Way of War*, University of California Press, 2000.

5 Cf. tradução portuguesa (com o título *Princípios da Guerra*) na coleção Clássicos do Pensamento Estratégico, da Sílabo, editada em Lisboa, 2003, com Introdução e Comentários de Francisco Abreu.

da ciência (medicina castrense). Aliás, este evento (o mais importante a nível mundial neste domínio, nele tendo participado investigadores como Kelly DeVries, Matthew Bennett, Peter Heather, Martin Aurel, Matthew Strickland, Kurt Villads Jensen, Luis García-Guijarro, John Gillingham ou Anne Curry) surgiu na sequência do estudo dinamizado pelo investigador norueguês Leif Inge Petersen, intitulado “Captive Women”, tendo a sua última sessão sido dedicada ao lançamento de um novo projeto internacional, com o título “Saints of War”. Creio que isto ajuda a perceber melhor o que é hoje verdadeiramente, em termos científicos, a História Militar, libertando-nos dos velhos clichés tradicionalmente associados a esta área de investigação.

Nós, Portugueses, sabemos bem a importância que a história militar teve para a existência do nosso país como nação independente e a forma como o exercício da guerra influenciou a estruturação interna da nossa sociedade durante os primeiros séculos (basta pensar no teor das cartas de foral, na organização social concelhia ou no papel das Ordens Militares)⁶. Compreendemos também que a nossa história presente, decisivamente marcada pelo movimento libertador do 25 de abril de 1974, está intimamente ligada à

⁶ Isto verificou-se em toda a Península Ibérica, o que até já levou autores como Elena Lourie (em 1966, no n.º 35 da revista *Past and Present*) ou James Powers (em 1988, numa obra tantas vezes referida, editada pela University of California Press) a escreverem artigos e livros sobre a Hispânia medieval com o sugestivo título “A Society Organized for War”.

guerra colonial, sem o que o próprio Movimento das Forças Armadas talvez nem tivesse brotado.

Mas, mais do que isso, como historiadores, sabemos (e muitos o têm escrito) que a guerra é um dos mais importantes fatores de transição em História (isto é, um dos maiores impulsionadores da mudança de paradigma). Sem a ela recorrer, dificilmente poderemos compreender a história da Grécia Clássica (o próprio conceito de *polis*, a afirmação de Esparta, a Magna Grécia, as guerras Medo-Pérsicas, a Guerra do Peloponeso, as numerosas ligas políticas a que tudo isso deu lugar, a campanha extraordinária de Alexandre Magno e o arranque do período helenístico), do mesmo modo que não conseguiremos perceber minimamente a história do Império Romano, a mais ampla, duradoura e influente construção política do mundo ocidental até aos nossos dias. Hoje, reconhece-se que um dos eventos mais importantes da história da República romana (e aquilo que verdadeiramente tornou a pequena capital do Lácio uma potência mundial) foi as Guerras Púnicas, da mesma maneira que se sabe que o nível de investimento dos Romanos nas suas forças armadas atingia os 90% dos recursos do Estado (!); e também já ninguém duvida de que a derrocada de Roma foi (no plano interno e externo) enormemente influenciada por fatores de natureza militar.

Quando, depois, olhamos para a construção da Europa medieval (sobre a qual assenta, em larga medida, a Europa moderna) e percebemos a afirmação

do reino dos Francos, a forma como foi travada a irradiação muçulmana para o resto do Ocidente europeu a partir da Península Ibérica (Poitiers, 732) ou a edificação do Império Carolíngio, compreendemos de novo a importância da guerra como fator decisivo de (re)construção da História. O mesmo efeito se recolhe de uma análise, ainda que superficial, da situação política na Europa nos finais da Idade Média (incompreensível fora do contexto da Guerra dos Cem Anos), já para não falar da tremenda influência (também económica, cultural e religiosa) que teve a surpreendente conquista normanda da Inglaterra em 1066, um *facto militar 'puro'* (isto é, que produziu um efeito que de outro modo jamais teria ocorrido) e que interferiu durante séculos com a realidade e com o destino das duas maiores potências políticas de então: a França e a Inglaterra. Hoje, depois de uma experiência de trabalho sabático em Ravenna, em 2014, posso assegurar que a espantosa longevidade do Império Bizantino (uma construção quase desconhecida do público português, mas essencial para compreendermos a realidade da Europa de leste de hoje e até muitos fenómenos culturais e políticos interessantes, a começar pela expansão muçulmana, pela Igreja ortodoxa ou pelos nacionalismos balcânicos) só se explica em resultado da máquina militar poderosa (e, durante grande parte do tempo, profissional) que os *basileús* de Constantinopla colocaram ao seu serviço.

Esta é, talvez, a parte menos recordada e menos presente no dia-a-dia da nossa comunidade científica, que se ocupa sobretudo de história moderna e contemporânea. Porque se entrássemos pela análise do papel da guerra nestas cronologias mais recentes, os exemplos tornar-se-iam avassaladores: o domínio português dos mares no séc. XVI, a conquista do Novo Mundo pelos *tercios* espanhóis, a Guerra dos 30 Anos e a Paz de Vestefália (que em 1648 deu um contributo decisivo para a Europa que hoje conhecemos), a afirmação da Prússia de Frederico-o-Grande, a construção dos Estados Unidos da América (e a sua própria história, tão marcada pela Guerra de Secessão), as duas guerras mundiais (sem as quais o mundo de hoje não se compreende), o problema colonial, a guerra fria, etc...

Por tudo isso, há muito que a História Militar deixou de se circunscrever ao estudo da distribuição das tropas no campo de batalha e se tornou um ponto de encontro muito rico e interessante de diversas valências do nosso ofício de historiadores. Também por isso, a história militar suscita hoje a atenção de um público alargado, o que se traduz no número de publicações que a ela são anualmente dedicadas e na boa receptividade que suscitam. Não por acaso, a Esfera dos Livros (uma das editoras que mais tem feito pela divulgação da História no nosso país), depois de publicar a *História de Portugal* coordenada por



Iluminura de um manuscrito que
representa a Batalha de Crécy - 1346
(que teve lugar durante a Guerra dos Cem Anos)

Pormenor da Tapeçaria de Bayeux
(que representa a conquista normanda
de Inglaterra, em 1066)



DERVN

SIMVL: ANGLI

Rui Ramos⁷, decidiu editar volumes temáticos nos anos subsequentes, tendo elegido precisamente a história militar como uma das temáticas prioritárias a considerar⁸.

A história militar tem marcado também, significativamente e em todo o mundo, a história do cinema e da literatura (para apenas citar dois exemplos culturais emblemáticos). No que diz respeito à *Sétima Arte*, basta recordar filmes clássicos como *O Coração de Potemkin* (Serguei Eisenstein, 1925), *E Tudo o Vento Levou* (Victor Fleming, 1939), *Casablanca* (Michael Curtiz, 1942), *Hiroshima, meu Amor* (Alain Resnais, 1959), *Spartacus* (Stanley Kubrick, 1960), *O Ovo da Serpente* (Ingmar Bergman, 1977) ou películas bem mais recentes como as que devemos a Steven Spielberg⁹, a Ridley Scot¹⁰ e a muitos outros realizadores (incluindo o nosso Manoel de Oliveira, que em 1990 filmou *Non ou a Vã Glória de Mandar*). As duas grandes e trágicas guerras do século XX,

as guerras coloniais, a guerra do Vietname, para apenas lembrar três exemplos flagrantes, constituíram matéria de inspiração imensa para um elevado número de realizadores contemporâneos. Quanto à literatura, um vasto rosário de escritores de grande prestígio, incluindo muitos premiados, usaram a guerra como matéria-prima das suas narrativas imortais, de William Shakespeare ou Leon Tolstoi a Ernest Hemingway, Marguerite Yourcenar ou Gabriel García Márquez, entre muitos outros bem conhecidos do grande público.

Também muitos dos historiadores mais marcantes do século XX europeu reconheceram a grande importância do tema da guerra. Recordo apenas, a nível internacional, Georges Duby, e, a nível nacional, Oliveira Marques ou José Mattoso. O seu exemplo frutificou e é muito revelador que hoje, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a disciplina opcional de História Militar (criada em 1999-2000) seja frequentada por cerca de 100 alunos, de diversas licenciaturas, algumas delas de outras escolas da nossa universidade. Também em Lisboa, quer na Faculdade de Letras, quer na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, existem disciplinas desta especialidade bastante procuradas pelos estudantes. Em resultado deste crescimento exponencial de interesse e de procura, que em muito deve à existência de uma extremamente dinâmica Comissão Portuguesa de História Militar (fundada nos inícios da década de 1990 e dirigida, primeiro, pelo General Manuel

7 Rui Ramos (coord.), Bernardo Vasconcelos e Sousa e Nuno Gonçalo Monteiro, *História de Portugal*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2009.

8 Nuno Severiano Teixeira (coord.), João Gouveia Monteiro e Francisco Contento Domingues, *História Militar de Portugal*, Lisboa, Esfera dos Livros, no prelo (publicação prevista até final de 2016).

9 Bastará lembrar *A Lista de Schindler* (de 1993), *O Resgate do Soldado Ryan* (de 1998), *Cavalo de Guerra* (de 2011) ou *Cartas de Iwo Jima* (de 2006).

10 Pense-se em *Gladiator* (de 2000), em *Reino dos Céus* (de 2004) ou na mais recente versão cinematográfica do *Robin Hood* (2010).



Frederico, o Grande,
da Prússia (1712-1786)

Themudo Barata e, depois, pelo General Alexandre Sousa Pinto) foi mesmo possível criar (a partir da Faculdade de Letras de Lisboa e graças sobretudo ao esforço do Prof. Doutor José Manuel Varandas) um Mestrado Interuniversitário de História Militar, que reúne oito instituições (quatro universidades e quatro escolas de ensino superior militar, dos três ramos das Forças Armadas), que vai já na sua terceira edição e que está a conhecer bastante sucesso, pelo menos nos meios académicos de Lisboa e Coimbra. Ao mesmo tempo, com vista a reforçar a projeção internacional da história militar hispânica, foi fundada em junho de 2015 a Associação Ibérica de História Militar (séculos IV-XV), que espera produzir já neste triénio obra significativa em termos científicos, ao mesmo tempo que acarinhará a afirmação de jovens investigadores.

Julgamos que isto dá bem conta da atratividade da história militar, hoje em dia, junto dos nossos jovens. Como há tempos dizia o meu querido colega e amigo, Prof. Doutor Luís Miguel Duarte, «a história militar, corretamente entendida, faz um pouco a quadratura do círculo: abandona os estreitos quadros nacionais e etnocêntricos para se constituir como uma reflexão de tempos longos, de grandes áreas culturais; junta domínios como a história das técnicas, a psicologia social, a semiótica, a história económica, social, política e religiosa; combina o pequeno episódio aleatório com as tendências de fundo. Pode ser extremamente aliciante para os alunos, sem com isso significar quaisquer concessões

à facilidade ou à coleção de anedotas. É uma área que conheceu, nos últimos tempos, uma verdadeira revolução, com um dinamismo impressionante dos historiadores ingleses, canadianos e americanos, e que tem até arriscado algumas experimentações e ensaiado dimensões lúdicas (desde os cada vez mais populares *historical reenactments* à criação de jogos eletrónicos, passando pela produção de guiões ou simples consultorias científicas e técnicas para séries televisivas, documentários e filmes). A História Militar, que hoje está a anos-luz da pobre descrição patrioteira de batalhas e da consagração de heróis nacionais, é das áreas mais sensíveis e mais fecundas para uma compreensão equilibrada do mundo em que nos coube viver, das suas tensões, dos seus equívocos, das suas possibilidades».

*

O que se segue constitui uma viagem muito interessante e variada por alguns momentos especialmente emblemáticos da vida militar em Coimbra. Quatro estudantes do Mestrado Interuniversitário de História Militar selecionaram outros tantos episódios, cobrindo um arco cronológico de quase 700 anos! Todos dizem respeito à cidade ou à região de Coimbra e, ainda que em poucas páginas, os autores esforçaram-se por os recordar da forma mais equilibrada e concreta possível.

Assim, Carla Rosa ocupa-se do papel de Coimbra durante a crise de 1245-48, que conduziu à deposição de D. Sancho II e à entronização do seu irmão D. Afonso III como rei de Portugal. Nesta crise, Coimbra funcionou como quartel-general das forças realistas e foi palco de um acontecimento espetacular: o rapto da rainha D. Mécia. Raros são os exemplos em toda a história de Portugal de deposição de um rei, pelo que este episódio, alimentado por citações das fontes coevas, adquire um significado e um sabor muito especiais, tanto mais que, no final, é também evocada a figura e o exemplo moral de uma das mais famosas figuras de Coimbra: o alcaide Martim de Freitas.

Seguidamente, Cátia Coelho recorda o papel das forças militares de Coimbra na Guerra da Restauração (ou da Aclamação), um conflito decisivo da história portuguesa, aberto com o golpe palaciano de 1 de dezembro de 1640 e que se prolongou até à assinatura da paz de 5 de janeiro de 1668, firmada cerca de dois anos e meio após a decisiva vitória arrancada no campo de batalha de Montes Claros (em junho de 1665). Nesta guerra, o Corpo Académico de Coimbra, organizado segundo os auspícios do Reitor da Universidade, formou um dos *terços* de cerca de 2000 homens, comandados por um mestre de campo e subdivididos em companhias de perto de 200 soldados, lideradas por capitães.

Vem depois a evocação, por Bruno Carvalho, da extraordinária saga do Batalhão Académico de Coimbra, que em 1808 se constituiu para barrar o

passo aos invasores franceses, no contexto das chamadas Guerras Peninsulares. A história passa-se no centro do país, a partir de finais de junho de 1808, quando um contingente de estudantes, populares e milicianos, liderado pelo sargento de artilharia Bernardo Zagalo, ele próprio estudante da Universidade de Coimbra, avança para a Figueira da Foz com o objetivo de tomar o Forte de Santa Catarina, que estava ocupado pelos Franceses às ordens do General Junot. Ao mesmo tempo, uma outra força com a mesma origem avançava na direção de Leiria, tendo sido igualmente bem-sucedida na ocupação desta cidade e no ataque ao Forte de São Miguel da Nazaré. O Batalhão Académico de Coimbra ainda cumpriu depois outras missões relevantes, até à sua extinção, em abril de 1811. Durante a sua fantástica aventura, foi fundada em Coimbra a primeira publicação periódica (o jornal *Minerva Lusitana*) e assistimos a um tal empenho da Universidade na causa militar anti-francesa que o próprio *Laboratório Chimico* pombalino suspendeu a sua atividade científica normal para poder fabricar quantidades massivas de pólvora e de balas que alimentaram a resistência portuguesa!

Por fim, António Hermínio Coelho recorda a participação das forças militares de Coimbra na Grande Guerra, cujo centenário atualmente se comemora. Depois de identificar as unidades militares de que a cidade dispunha entre 1914 e 1918 (os Regimentos de Infantaria n.º 23 e n.º 25, além do 5.º Grupo de Metralhadoras), o autor evoca a intervenção dessas

forças nas frentes de guerra em Angola (combate de Naulila, em dezembro de 1914), em Moçambique (combates de Newala e Negomano, em 1916 e 1917, respetivamente) e na Flandres (integração no Corpo Expedicionário Português, destroçado na trágica batalha de La Lys, em abril de 1918). No caso deste último capítulo, a maior proximidade no tempo e a consequente generosidade da documentação permitem uma reconstituição muito apoiada e informativa, com dados extraordinariamente precisos sobre a composição e o destino das forças militares coimbrãs.

É este o nosso contributo, em nome da história militar e da cidade de Coimbra, para o belo livro que a Brigada de Intervenção em boa hora decidiu organizar. As nossas felicitações e os nossos agradecimentos ao Senhor Major General Carlos Aguiar Santos, pela gentileza do seu convite e pela sua confiança. Esta nossa colaboração é um testemunho de uma aliança frutífera e muito afetuosa entre civis e militares da histórica urbe mondegua, a que saberemos decerto dar continuidade no futuro próximo. Em nome de todos, desejo também agradecer ao Senhor Major Anselmo Dias e à Senhora D. Maria Teresa Martins pelo apoio incansável à nossa pesquisa, bem como ao meu querido amigo Cor. Doutor Luís Alves de Fraga, que com a gentileza e competência de sempre nos facultou dados preciosos acerca da intervenção dos contingentes de Coimbra integrados no Corpo Expedicionário Português que atuou na Flandres. Bem-hajam, todos, pela solidariedade e pela simpatia.